



TERCER EJERCICIO

TRADUCCIÓN DIRECTA PORTUGUÉS-CASTELLANO

PERFIL: 1

Um Orçamento para a estabilidade, mas que ignora a competitividade

A estratégia para o novo Orçamento do Estado 2025 era evidente: procurar consensos no arco central da governação e evitar ruturas para garantir a sua viabilização em sede parlamentar, em prol da estabilidade política. No entanto, num momento tão crítico em que se aborda a perda de competitividade da Europa face às grandes potências mundiais, muito evidenciada pela publicação do Relatório Draghi, desilude a ausência de medidas que permitam tornar as empresas portuguesas mais competitivas e inovadoras e mais presentes nas cadeias de valor globais.

O contexto político ditou a entrega de uma proposta de Orçamento do Estado (OE) com um baixo carácter reformista e com uma perspetiva de continuidade face às prioridades do anterior Executivo. Sem prejuízo de algumas novidades relevantes, como a revisão da taxa de IRC ou o IRS Jovem, a proposta apresentada é lacónica quanto às medidas de fomento ao investimento, digitalização e inovação para as empresas, quer numa perspetiva de apresentação de novas medidas, quer ao nível da continuidade das medidas atualmente em vigor, particularmente relevantes num contexto em que as grandes empresas encontram-se fortemente limitadas no acesso aos apoios previstos no atual quadro de apoio — Portugal 2030.

Entendendo-se o contexto particular que motivou a redação desta proposta e as prioridades do atual Governo em garantir a estabilidade política, verifica-se, no entanto, um desalinhamento com as prioridades políticas atuais a nível europeu, sobretudo desde a publicação do Relatório Draghi, e até com as intenções do próprio Governo, que publicou, em julho de 2024, o Programa Acelerar a Economia, um compêndio de várias medidas que visam afirmar a economia nacional como uma potência exportadora e internacionalizada, com base no talento e na inovação.



o plano supranacional, e no que respeita às conclusões do Relatório Draghi, este mostra que o crescimento da União Europeia (UE) tem vindo a abrandar, devido ao enfraquecimento da produtividade e a uma procura externa mais fraca, em grande parte justificada pelas pressões concorrenciais crescentes por parte da China. Neste contexto, o Relatório evidencia três frentes de transformação essenciais, que passam pela inovação, a descarbonização e a segurança. Ao nível do desafio de colmatar o défice em inovação, o Relatório enfatiza a necessidade de estreitar o gap de inovação face aos EUA e à China, dado este ser um dos principais fatores que determina a diferença de produtividade entre a Europa e estas geografias, as quais têm uma capacidade superior de tirar partido das tecnologias mais avançadas e digitais.

De igual modo, o Relatório aponta como fator agravante o fraco financiamento de projetos de inovação, sobretudo em fases mais avançadas de desenvolvimento, comprometendo, assim, a expansão das empresas e da sua oferta, e resultando numa incapacidade de incorporação do valor destas tecnologias no próprio mercado. Complementarmente, o Relatório aborda que este défice de inovação se repercute num défice de investimento produtivo, em ativos conexos às tecnologias digitais no seu tecido industrial. Há, também, conclusões relevantes ao nível do investimento nos domínios da Investigação e Inovação (I&I), com uma evidente baixa participação e baixos apoios públicos nestes domínios, excessiva fragmentação e ausência de escala, o que contribui, também, para as fragilidades no ciclo de vida da inovação, já apontadas.

Entre outras conclusões e oportunidades destacadas no documento, é clara a necessidade de reformas profundas e de investimentos significativos, com maior prevalência nas indústrias que se revelem mais inovadoras, tecnológicas e de impacto zero, para garantir uma Europa mais competitiva a nível global. Neste contexto, uma das grandes reformas passa pela clusterização das indústrias-chave e das competências avançadas que a Europa detém à data, as quais se concentram, sobretudo, em países como Alemanha, França, Dinamarca e Holanda.